MONUMENTUM LITTERIS: O PRIMEIRO RETRATO DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA

Flávio Antônio Fernandes Reis
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0006-7146-0284
Endereço eletrônico: flavioreis@uesb.edu.br

Palavras-chave: Padre Antônio Vieira; Oração Fúnebre; Século XVIII.

INTRODUÇÃO

Em dezembro de 1697, na Igreja de São Roque, Casa Professa da Companhia de Jesus em Lisboa, com o patrocínio de D. Francisco Xavier de Menezes, o Conde da Ericeira (1673 - 1743) e participação da alta aristocracia do reino, foram realizadas as honras funerais públicas em memória do Padre Antônio Vieira, falecido alguns meses antes, na Bahia, Estado do Brasil. A "Oração Fúnebre nas Exéquias do Reverendíssimo Padre Antônio Vieira" foi preferida pelo Padre Manoel Caetano de Sousa (1658 - 1734). Em 1730, com Privilégio Régio, sob os auspícios do impressor Joseph Antonio da Sylva, então a serviço da Academia Real, publica-se o volume com a Oração Fúnebre e uma breve relação das exéquias. Tanto as liturgias fúnebres de 1697, quanto a posterior publicação em livro, os dois eventos se inserem no processo de construção da memória do Padre Antônio Vieira, integrando-o postumamente na política católica de D. João V e na promoção da Companhia de Jesus nos círculos cultos joaninos.

Com isso, propomos analisar, no compêndio funerário em memória do Padre Antônio Vieira, publicado em 1730, o texto final do volume, intitulado "Relação breve das Exéquias do Reverendíssimo Padre Antônio Vieira, que o Conde da Ericeira fez celebrar na Igreja de S. Roque da Casa Professa da Companhia de Jesus." Para tanto, abordamos o gênero dos compêndios funerários, seus modelos italianos e ibéricos seiscentistas e os usos que então se

estabeleceram. Em seguida, atemo-nos à "Relação breve", epílogo do que podemos definir como *Monumentum Litteris*, analisando a utilização da écfrase (*descriptio*) como meio discursivo para pintar não apenas os aparatos funerais das exéquias do Padre Antônio Vieira, mas também como elementos de um retrato encomiástico com fins morais, políticos e teológicos. Desse modo, procede-se a composição de um retrato do aclamado orador jesuíta, figura polêmica nos reinados de D. João IV, D. Afonso VI e D. Pedro II, e que, no tempo de D. João V e das atividades da Academia Real, já defunto, é alçado à categoria de herói da nação lusitana, preconizado como modelo de *Praedicator, Apostolus e Magister Gentium.* Além disso, o compêndio das exéquias do Padre Antônio Vieira insere-se, de modo decisivo, no processo de recepção da obra do "Chrysostomo Portuguez", conferindo à sua vida e à sua obra a proeminência cultural conhecida até hoje.

METODOLOGIA

No reinado de D. João V, o Magnânimo, muitas vezes, com o apoio das despesas reais, houve grandes obras em favor da promoção das letras lusitanas, tais como a Biblioteca Joanina, da Universidade de Coimbra; a Biblioteca do Palácio de Mafra; a criação da Academia Real da História Portuguesa, além de uma intensa atividade das prensas reais, com a publicação de obras com qualidades tipográficas e editoriais especiais. Este é o caso do volume intitulado *Oração fúnebre nas Exéquias do Reverendíssimo Padre Antônio Vieira*, impresso na oficina de Joseph Antonio da Sylva, a serviço da Casa Real. No livro há um conjunto de textos, em torno da *Oração fúnebre*, que pretendem dar conta das celebrações do dia 17 de dezembro de 1697, salvaguardando a memória da solenidade e reforçando a relevância da figura do orador jesuíta nas dinâmicas da política cultural do tempo de D. João V e das atividades da Academia Real.

Tanto D. Francisco Xavier de Menezes, o Conde da Ericeira, quanto o Padre D. Manoel Caetano de Sousa, ambos são mais do que simples membros da Academia Real, são os fundadores, os primeiros diretores e fecundos colaboradores da instituição. Nesse sentido, vai-se entrelaçando uma curiosa trama entre a política cultural de D. João V, a atividade intelectual dos dois letrados (o Conde e o Padre) e a figura do Padre Antônio Vieira, na altura já traduzido para várias línguas, tais como o latim, o castelhano, o italiano e o francês. Em Portugal, ainda não havia surgido a célebre *Vida do Venerável Padre Antônio Vieira* (1746),

do padre André de Barros, mas corriam coletâneas de sermões castelhanos, antecedidas por breves notícias da vida do jesuíta e obras que lhe são atribuídas, tais como a *Arte de Furtar* e uma *Rhetorica Sagrada ou Arte de Pregar*. Ou seja, o orador jesuíta, uma das figuras mais célebres e polêmicas do século XVII, valido de D. João IV e colaborador das cortes de D. Afonso VI e D. Pedro II; pregador da corte romana da rainha sueca Alexandra Cristina; embaixador em várias casas reais e senhoriais de Espanha, França e Holanda que, embora processado, julgado e preso pela inquisição portuguesa entre 1662 e 1665, não perdeu o prestígio e a atuação vigorosa.

Ao tratar da *Relação Breve das Exéquias...*, faz-se necessário analisá-la segundo a noção de *theatrum sacrum*, em que as circunstâncias, os agentes promotores, a audiência dos notáveis do reino, sobretudo, os procedimentos discursivos, tais como a écfrase, sobretudo na composição de emblemas e escudos, visam à figuração do primeiro retrato público do Padre Antônio Viera, um verdadeiro *Monumentum Litteris* (Monumento de Letras). Mais ainda, na análise retórico-poética do texto, observando a articulação da invenção, do decoro e os fins discursivos, propomos inserir os encômios do Padre Antônio Vieira na própria história providencialista portuguesa em que o jesuíta figura como agente decisivo para o cumprimento dos desígnios divinos lusitanos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O compêndio publicado em 1730, com as honras funerais do padre Antônio Vieira, insere-se numa tradição de solenidades e publicações bem estabelecidos nas cortes italianas e ibéricas, desde, pelo menos, o funeral da imperatriz Maria de Áustria, em 1603, promovido em Madrid pela Companhia de Jesus. Embora as honras funerais sejam demonstrações públicas de longa duração, a perder-se na noite da história, o que aqui aludimos é a liturgia funeral para as exéquias de notáveis, sobretudo membros das cortes, com protocolos que seguem o que se realizou nas exéquias de 1603, no *Libro de las honras que hizo el Colegio de la Cõpania de IESUS de Madrid, à la M. C de la Emperatriz doña Maria de Austria, fundadora del dicho Colegio, que se celebraram a 21 de Abril de 1603*, um volume de 300 páginas com todos os elementos da solenidade. Assim, no caso português, D. Francisco de Xavier de Menezes, o Conde da Ericeira, promove para o jesuíta Padre Antônio Vieira honras funerais que comumente se dedicavam a reis, rainhas, príncipes e altos prelados da Igreja,

como bispos, cardeais e, sobretudo, papas.

CONCLUSÕES

Margarida Viera Mendes, na introdução do seu célebre estudo sobre a oratória vieirina, declara: "A estampa de uma pessoa e de uma vontade de ser fica gravada na sua obra escrita, fecundando-a literariamente; por sua vez, a sua obra oral e escrita, trabalha para esculpir uma imagem." (MENDES, 1989, p. 16). Aproximando as palavras da exímia vieirista e o volume publicado em 1730, destacamos dois aspectos relevantes no estudo do impresso: o uso de procedimentos retóricos e poéticos, como a écfrase, com o fim de enaltecer os valores morais, políticos e teológicos da vida e obra do Padre Antônio Vieira; a composição do primeiro retrato público de Vieira, um *Monumentum Litteris* em que o Conde da Ericeira, com a colaboração do Padre Manoel Caetano, figuram como os primeiros promotores da obra vieirina, cabendo ao conde a qualidade de ser o seu primeiro editor. Assim, as celebrações de 1697, com o empenho da Academia Real da História Portuguesa e as edições do compêndio das honras funerais, de 1730, e da *Vida* e outras obras vieirinas, composta pelo Padre André de Barros, todo esse esforço foi decisivo para a fortuna literária do Padre Antonio Vieira nas letras luso-brasileiras, seja como modelo de eloquência, seja como autoridade nas grandes questões de seu tempo. Ademais, os retratos setecentistas: a *Vera effigies celeberrimi Patri Antonii Vieyra*, de Arnold van Westerhoud (Roma, 1707), remodelado por Soror Isabella Piccini (Veneza, 1722); e a *Celeberrimus P. Antonius Vieyra*, de Carlo Grandi (Roma, 1742), corroboram, na gravura em ponta-seca, os epítetos atribuídos ao jesuíta no seu *Monumentum Litteris* de 1730: a figura de 1707 privilegia o jesuíta dos livros, *Praedicator e Apostolus*; a de 1742, por sua vez, o jesuíta das missões, *Magister gentium*, figurado, entre o mar e a terra, junto dos indígenas do Brasil.

REFERÊNCIAS

ARÊDES, Ana Elisa Silva. **As redes de receção do padre António Vieira: os circuitos do livro na Europa (1660 – 1770).** Tese de Doutoramento em História. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2023.

ARISTÓTELES. **Arte Retórica**. Introdução de Manuel Alexandre Junior. Tradução e notas de Manuel Alexandre Junior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. INCM,

1998.

ERICEIRA, Conde da (D. Francisco Xavier de Menezes). **Oração Fúnebre das Exéquias do Reverendíssimo Padre Antonio Vieira.**.. Lisboa Occidental, Na Officina de Joseph Antonio da Sylva. MDCCXXX.

HANSEN, João Adolfo. **Alegoria:** construção e interpretação da metáfora. São Paulo, Hedra, 2006.

HANSEN, João Adolfo. Sistemas doutrinários da representação nas obras de Antônio Vieira. In: Vieira, **Vida e Palavra**. Silvia Maria Azevedo e Vanessa Costa Ribeiro (Orgs.) São Paulo, Loyola, 2008.

HANSEN, João Adolfo. Categorias epidíticas da Ekphrasis. In: **Agudezas Seiscentistas e Outros Ensaios.** Cilaine Alves Cunha e Mayra Laudanna (orgs.). São Paulo, EDUSP, 2019.

LIBRO DE LAS HONRAS que hizo el Colegio de la Cõpania de IESUS de Madrid, à la M. C de la Emperatriz doña Maria de Austria, fundadora del dicho Colegio, que se celebraram a 21 de Abril de 1603. Madrid, Por Luis Sanchez, MDCIII.

PECORA, Alcir. Argumentos afetivos nos sermões fúnebres do Padre Antônio Vieira. In: FURTADO, Joaci Pereira (Org.). **Antônio Vieira, o imperador do púlpito**. Cadernos do IEB. São Paulo, 1999.

MENDES, Margarida Vieira. **A oratória Barroca de Vieira**. Lisboa, Editora Caminho, 1989.

SOARES, Cypriani. *De Arte Rhetorica libri três ex Aristoteles, Cicerone, Et Quintiliano praecipue deprompti ad eodem authore recogniti, et multis in locis locupletati*. Conimbricae, Ex Typographia In Collegio Artium Societ. Jesu, 1710.

TESAURO, EMANUELE. *Il Cannocchiale Aristotelico o sia, Idea Dell'Arguta et Ingeniosa Elocutione, Che serve à tutta l'Arte Oratoria, Lapidaria, et Simbolica. Esaminata co'Principii Del Divino Aristotele, Dal Conte D. Emanuele Tesauro.* In Venetia, Paolo Baglioni, M DC LXIII.